

À mesa com a ficção  
de José Saramago:  
casa onde não há pão,  
todos ralham (quase)  
sempre com razão

Ana Paula Arnaut

À mesa com a ficção de José Saramago:  
casa onde não há pão, todos ralham  
(quase) sempre com razão



***À mesa com a ficção de José Saramago:  
casa onde não há pão, todos ralham (quase) sempre com razão***

Copyright © 2017 Ana Paula Arnaut

Edição: Fundação José Saramago

Revisão: Fundação José Saramago

Capa: Manuel Estrada - <http://www.manuelestrada.com>

Paginação: Fundação José Saramago

Junho de 2017

todo o romance é isso, desespero, intento frustrado de que o passado não seja coisa definitivamente perdida. Só não se acabou ainda de averiguar se é o romance que impede o homem de esquecer, ou se é a impossibilidade do esquecimento que o leva a escrever romances.

José Saramago,  
*História do cerco de Lisboa*

Entendido como uma narrativa em prosa, mais ou menos longa, em que as personagens vivem diversos enredos num determinado *continuum* temporal, o romance cumpre o propósito de especular, de forma mais ou menos objetiva, uma determinada realidade. Sistemáticamente convocada pelos autores, ou pelos narradores em sua substituição, a alimentação contribui, portanto, para criar o efeito de real de que nos fala Roland Barthes<sup>1</sup>, aumentando o grau de credibilidade do texto. Afinal, se não comêssemos não sobreviveríamos.

É assim, por exemplo, que em *História do cerco de Lisboa*<sup>2</sup> sabemos do café com leite e das torradas com manteiga comidas ao pequeno-almoço por Raimundo Silva (p. 55) – um gosto matinal partilhado com Ricardo Reis (*O amRR*, p. 285) –, da “omeleta de três ovos com chouriço”, do “prato de sopa”, da “laranja”, do “copo de vinho” e do “café para rematar” o almoço (p. 38), refeição que também pode ser constituída por batatas cozidas, “para compor o prato de conserva de atum” (p. 113), ou por “carapaus fritos e arroz de tomate, com salada” (p. 73).

---

1 “O efeito de real”, in *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1987, p. 136.

2 Com exceção de *Manual de pintura e caligrafia* (1977) e de *Levantado do chão* (1980), que citamos a partir da 3ª edição (1985 e 1982, respetivamente), todas as citações serão feitas a partir da 1ª edição, indicando-se as páginas no corpo do texto e, quando se justifique, as iniciais do romance.

Numa outra dimensão, que aqui nos interessa particularmente, a verdade é que a temática da comida pode cumprir bem mais do que propósitos decorativos de verosimilhança, relativos ao que é ser-se humano e adequados às posses económicas da(s) personagem(ns), como ilustram as citações acima transcritas. A referência à alimentação no tecido narrativo pode servir intenções ideológicas precisas, manifestamente atinentes à denúncia das diferenças sociais.

Se, em certos casos, como veremos, cabe ao narrador a inscrição direta dessas diferenças, em outras situações é o leitor quem deve impor essa dinâmica ideológica, em que a pobreza de certas vidas se torna ainda mais pobre se comparada com o fausto de outras existências. Assim acontece em *Memorial do convento*, quando se compara

*a mesa do inquisidor-mor [em que também se sentam o rei e os infantes], soberbíssima de tigelas de caldo de galinha, de perdigões, de peitos de vitela, de pastelões, de pastéis de carneiro com açúcar e canela, de cozido à castelhana com tudo quanto lhe compete, e açafroado, de manjar-branco, e enfim doces fritos e frutas do tempo* (p. 51)

com os feijões, as couves e o bocado de toucinho que João Francisco Mateus divide em quatro (para si, para Marta Maria e também para Baltasar e Blimunda) (p. 104). O mesmo efeito se obtém se nos lembrarmos das “três sardinhas assadas” “sobre a indispensável fatia de pão” que, no regresso de uma guerra que nunca foi a sua, e por não ter para “um festim de viandas”, Baltasar compra à “porta duma taberna que ficava ao lado da casa dos diamantes” (p. 42).

Sardinhas, mas agora salgadas e sobre “pão grosseiro e duro”, mais “uma fritada de ovos” e uma “infusa de água”, são a ceia partilhada pelo mesmo Baltasar com Blimunda Sete-Luas e com o em breve proscrito padre Bartolomeu Lourenço (p. 171). Em outras ocasiões, juntam-se às sardinhas “as couves e o feijão da horta” ou “um pedaço de carne enquanto foi tempo dela” (p. 209). Sardinhas, fritas desta vez, mas sempre acompanhadas apenas por um pedaço de pão (que, em *Caim*, também será dado por abraão ao filho de adão, para que mate a fome na jornada, depois de lhe ter sido servido vitelo, manteiga e leite (p. 94), levará Baltasar no alforge na sua última inspeção à Passarola (p. 334). Do farnel de Sete-Sóis, tornado “sardinha ressequida” e “côdea duríssima” (p. 343), alimentar-se-á Blimunda quando for o tempo de por ele procurar. Antes disso, porque ainda existia caridade, ocasiões houve em que puderam contar com as sobras do açougue em que trabalhava Baltasar: “um pé de porco, uma franja de dobrada, e, querendo Deus e o humor do açougueiro, a apara de vazia, de alcatra ou pojadouro, embrulhados numa crespa folha de couve (p. 69)<sup>3</sup>.”

E já que de Deus se fala, e de caridade também, mesmo que, e como sempre, com substancial dose de ironia (incluindo o nome da personagem), lembremos a cena de *Levantado do chão* em que,

---

3 Lembre-se, a propósito, o pequeno-almoço de Ricardo Reis e convoque-se, em oposição, o dos velhos que, de forma progressiva, marcarão presença no romance: “uma bucha de pão seco e café de cevada” (p. 266). Na mesma linha de ideias, chamamos a atenção para a gente descalça que, no caminho para Fátima, “aproveita para petiscar um naco de pão com chouriço, um bolo de bacalhau, uma sardinha frita há três dias lá na aldeia distante”. No final do dia, morder-se-á “o pão duro” e levar-se-á “o pipó ou a borracha à boca sedenta, este é o comum de todos”, acrescenta o narrador, deixando claro que “as variantes de conduto são conforme as posses” (p. 310, 319). Os “carapaus fritos com batatas cozidas, de azeite e vinagre, depois uns ovos mexidos” e o “vinho que podia ser de missa”, que também acompanha “o bom pão do campo, húmido e pesado” (p. 309), compõem o menu do almoço de Ricardo Reis no seu primeiro dia na vila dos milagres. Apesar da simplicidade que, em regra, caracterizará os hábitos alimentares da personagem, não deixa de ser possível verificar o contraste com o farnel dos peregrinos comuns.

mais para assegurar a salvação da alma do que por razões humanitárias, D. Clemência, em representação de tantas outras, brinca à santa compaixão, à quarta-feira e ao sábado, dias em que “Deus Nosso Senhor desce à terra consubstanciado em toucinho e feijão frade” (p. 187). A composição das esmolinhas, distribuídas do alto de uma janela, em localização que, simbólica e criticamente, se opõe ao espaço destinado às crianças (em baixo), é presidida pela mesma personagem, que guia e vigia

*a espessura da fatia do toucinho, escolhido o menos entremeado, melhor ainda se só gordura, mais alimenta, passando por escrúpulos de pura justiça a rasoira na medidinha do feijão, tudo pela caridade de evitar as guerras da inveja infantil, Tens mais do que eu, Tenho menos do que tu. É uma cerimónia linda, derretem-se os corações de santa compaixão, nenhuns olhos ficam enxutos, nem os narizes, que é Inverno agora e sobretudo lá fora, encostados ao prédio estão os garotos de Monte Lavre que vieram à esmola, vede como padecem, e descalcinhos, doridos, olhai como as meninas levantam um pezinho e logo o outro a fugir do chão gelado, poriam os dois no ar se lhes crescessem em vida as asas que se diz teriam depois de mortas se tivessem a sensatez de morrer cedo, e como puxam o vestidinho para baixo, não de pudor ofendido, que por enquanto os rapazes não reparam nessas coisas, mas de ânsia friorenta, É uma fila à espera, cada qual com sua latinha na mão, todos de nariz no ar, fungando o ranho, a ver quando enfim se abre a janela do andar e a cesta pendurada por um cordel desce do céu, devagarinho, a magnanimidade nunca tem*



*pressa, era o que faltava, a pressa é que é plebeia e sôfrega, só não engole os feijões frades mesmo assim porque vêm crus (p. 187-189).*

Num outro exemplo, agora de *Memorial do convento*, em que cabe às irmandades prover a esmola (nunca farta, no entanto), isto é, o “caldo” e o “tassalho do pão” (p. 41), sabemos que

*querendo Deus qualquer causa de morte serve, a que levará o herdeiro da Coroa de Portugal será o tirarem-lhe a mama, só a infantes delicados isto aconteceria, que o filho de Inês Antónia, quando morreu, já comia pão e o mais que houvesse. Equilibrada a contagem, desinteressa-se Deus dos funerais, por isso em Mafra foi só um anjinho a enterrar, como a tantos outros sucede, mal se dá pelo acontecimento, mas em Lisboa não podia ser assim, foi outra pompa, saiu o infante da sua câmara, metido no caixãozito que os conselheiros de Estado levavam, acompanhado de toda a nobreza (p. 105).*

Pão, é também o que Blimunda sempre come ao acordar, de olhos fechados, porém, para que não olhe, sem o querer, as pessoas por dentro (p. 57, *passim*). Pão e chouriço, dados a João Mau-Tempo e a Faustina por Cipriana Pintéu (*Lc*, p. 70), são o manjar da “primeira refeição de homem e mulher casados à lei da natureza” (p. 238, 365), em ritual nada formal, um pouco semelhante ao que é protagonizado por Baltasar e Blimunda que, ainda assim, contam com a presença e com a bênção do padre Bartolomeu de Gusmão:

*Blimunda levantou-se do mocho, acendeu o lume na lareira, pôs sobre a trempe uma panela de sopas, e quando ela ferveu deitou uma parte para duas tigelas largas que serviu aos dois homens, fez tudo isto sem falar, não tornara a abrir a boca depois que perguntou, há quantas horas, Que nome é o seu, e apesar de o padre ter acabado primeiro de comer, esperou que Baltasar terminasse para se servir da colher dele, era como se calada estivesse respondendo a outra pergunta, Aceitas para a tua boca a colher de que se serviu a boca deste homem, fazendo seu o que era teu, agora tornando a ser teu o que foi dele, e tantas vezes que se perca o sentido do teu e do meu, e como Blimunda já tinha dito que sim antes de perguntada, Então declaro-vos casados. O padre Bartolomeu Lourenço esperou que Blimunda acabasse de comer da panela as sopas que sobejavam, deitou-lhe a bênção, com ela cobrindo a pessoa, a comida e a colher, o regaço, o lume na lareira, a candeia, a esteira no chão, o punho cortado de Baltasar. Depois saiu (p. 55-56).*

Cerimónias simples, estas, e de comida frugal, muito diversa dos acepipes que, a avaliar pelo luxo e pelo esplendor dos ambientes em que se movem as Reais pessoas, podemos adivinhar terem existido na festa da “troca de princesas”, no Caia (p. 297-318) (Bárbara para Espanha, Mariana para Portugal). Uma festa seguramente bem diferente, também, pelo menos em quantidade, do enopado e dos rojões que, com vinho (este, pelo menos, abundante), sabemos ter havido no casamento de Manuel Espada com Gracinda Mau-Tempo (p. 222).

Regressemos, no entanto, ao episódio da “troca de princezas” e a uma das etapas da viagem em que, mais uma vez, nos é permitido verificar que a fartura não é, nunca foi, bem governada:

*Quando chegaram aos Pegões, já el-rei estava jantando, uma refeição leve, de pé, umas adéns estufadas com marmelos, uns pastelinhos de tutano, uma olha moura, quanto bastava para aconchegar a cova dum dente. Entretanto, mudavam-se os cavalos. A falperra de pedintes ajuntou-se à porta das cozinhas, armou o seu coro de padre-nossos e salve-rainhas, e enfim manjou do caldeirão. Alguns, só porque comeram hoje, deixaram-se ficar por ali, a esmoer, imprevidentes. Outros, ainda que fartos, sabendo que o pão de agora não mata a fome de ontem, muito menos a de amanhã, seguiram a pitança que já lá ia no caminho (p. 303).*

Já no Caia, no entanto, como acima sugerimos, não nos são dados a conhecer pormenores sobre o que se passa na intimidade dos ambientes em que se move a realeza. O pouco que ficamos a saber, sublinhe-se, não nos chega por intermédio do narrador. Chega-nos, primeiro, por João Elvas e, depois, porque há espaços interditos “à tropa de vagabundos” que transporta materiais de construção, pelo “caridoso fidalgo” (p. 317). Deste modo, ao esconder-se no ponto de vista destas personagens, o narrador recusa-se a penetrar no faustoso cenário do palácio propositadamente construído para o encontro dos soberanos portugueses e espanhóis, assim simbolicamente assumindo o seu posicionamento ideológico em relação à dicotomia oprimidos/opressores, pelos primeiros positivamente regulando a sua simpatia.

Não por acaso, retomando de forma mais direta a problemática da comida que, novamente, nos faculta a tomada de consciência da agudização das contradições entre os privilégios da classe dominante e a miséria da classe dominada, o narrador comenta:

*No geral do ano há quem morra por muito ter comido durante a vida toda, razão por que se repetem os acidentes apopléticos, primeiro, segundo, terceiro, e às vezes um basta para levar à cova, e se o acidentado provisoriamente escapou, fica lesado de um lado, de boca à banda, sem voz se o lado foi esse, e também sem remédios que lhe acudam, tirando as sangrias, que se receitam às meias dúzias. Mas não falta, por isso mesmo falecendo mais facilmente, quem morra por ter comido pouco durante toda a vida, ou o que dela resistiu a um triste passado de sardinha e arroz, mais a alface que deu a alcinha aos moradores, e carne quando faz anos sua majestade (p. 27).*

Os heróis verdadeiros e os verdadeiros heróis das h(H)istórias de José Saramago, como já escrevemos em outra ocasião<sup>4</sup>, não são, portanto, aqueles que a História oficial se encarregou de não esquecer e de não fazer esquecidos. São-no, pelo contrário, os membros do Povo, os *marginais*. E, por isso, em romances como *Levantado do chão*, o autor continua a proceder a uma ilustração objetiva de que, como um dia escreveu Josué de Castro, a pobreza, ou na sua dimensão mais estreita, “a fome[,] não é um fenómeno natural e sim um produto artificial de conjunturas económicas defeituosas:

---

<sup>4</sup> “O fatalismo da pobreza(?): o miúdo pormenor interessa à história (*Levantado do chão de José Saramago*)”, in *Revista de estudos saramaguianos*. Lisboa: Fundação José Saramago-Ed. Patuá, 2014, p. 11.

um produto de criação humana e portanto capaz de ser eliminado pela vontade criadora do homem”<sup>5</sup>.

A narrativa agora em apreço oferece, pois, desde o início, com a geração de Domingos Mau-Tempo, a hipótese de lermos relatos que denunciam a fome e a miséria da classe trabalhadora; uma fome a que apenas alguns parecem estar condenados desde a expulsão de adão e eva do paraíso e que, por dó, azael lhes mata com umas poucas peças de fruta<sup>6</sup> (C, p. 23). Tal sucede, por exemplo, quando sabemos, por João Mau-Tempo, e por oposição ao “latifúndio [que] alimentava a família com largos excedentes” (Lc, p. 54), da necessidade de o seu irmão Anselmo pedir esmola porque a “mãe não tem dinheiro para o avio” (p. 52), ou quando o narrador refere que o dinheiro que conseguiam juntar dava, apenas, para “não gemerem de fome constante” (p. 60). Digno de registo é, ainda, o momento do conflito pungente que, por questões salariais, opõe os trabalhadores do norte e os do sul:

*Dizem os do norte, Temos fome. Dizem os do sul, Também nós, mas não queremos sujeitar-nos a esta miséria, se aceitarem trabalhar por este jornal, ficamos nós sem ganhar. Dizem os do norte, A culpa é vossa, não sejais soberbos, aceitai o que o patrão oferece, antes menos que coisa nenhuma, e haverá trabalho para todos, porque sois poucos e nós vimos ajudar. Dizem os do sul, É um engano, querem enganar-nos a todos, nós não temos que consentir neste salário, juntem-se a nós e o patrão terá de pagar melhor jorna a toda a gente. Dizem os*

---

5 CASTRO, Josué, *O livro negro da fome*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1960, p. 26.

6 “O jardim do éden era ubérrimo em frutos, aliás não se encontrava lá outra coisa de proveito, até aqueles animais que, por natureza, deveriam alimentar-se de carne sangrenta, pois para carnívoros vieram ao mundo, haviam sido, por imposição divina, submetidos à mesma melancólica e insatisfatória dieta” (p. 24).

*do norte. Cada um sabe de si e Deus de todos, não queremos alianças, viemos de longe, não podemos ficar aqui em guerras com o patrão, queremos trabalhar. Dizem os do sul, Aqui não trabalham. (...) Então o primeiro do norte avançou para o trigo com a foice, e o primeiro do sul deitou-lhe a mão ao braço, empurraram-se sem agilidade, rijos, rudes, brutos, fome contra fome, miséria sobre miséria, pão que tanto nos custas (p. 37-38)<sup>7</sup>.*

Vários exemplos, entre muitos, podem ser colhidos quando se expõem as diferenças sociais e, progressivamente, o jogo de forças entre opressores e oprimidos, existente desde os tempos de Lamberto Horques Alemão, numa referência ao episódio em que, quinhentos anos antes, um dos estrangeiros que viera com o “alcaide-mor de Monte Lavre” obriga uma donzela a deitar-se com ele (p. 24, cf. 115).

Recordem-se, a propósito, os episódios que envolvem os grevistas Manuel Espada, Augusto Patrão, Felisberto Lamas e José Palminha, grupo depois engrossado por João Mau-Tempo (p. 101, 103, 142-145), que, como outros companheiros já haviam feito, reivindicam um melhor salário para não rebentarem “de tanta fome” (p. 33), eles e os filhos:

---

<sup>7</sup> É impossível não recordar *O Ano da morte de Ricardo Reis*, em cujas páginas sabemos de “tempos de desemprego e falta de pão” (p. 348), e em que a indignação e a fome são pontualmente resolvidas com o bodo do jornal *O Século*, entre outros, vigiado por polícias “que disciplinam o acesso” da multidão composta por mais de mil pobres vindos dos “pátios e barracas” de Lisboa e arredores. Há “quem esteja o ano inteiro à espera do bodo, deste e dos outros”, e há “quem passe o tempo a correr de bodo para bodo, à colheita, o pior”, sublinha o narrador, “é quando aparecem em sítios onde não são conhecidos, outros bairros, outras paróquias, outras beneficências”, casos em que “os pobres de lá nem os deixam chegar-se, cada pobre é fiscal doutro pobre” (p. 69).

*e os filhos, que dou eu aos filhos, Põe-nos a trabalhar, E se não há trabalho, Não faças tantos, Mulher, manda os filhos à lenha e as filhas ao rabisco da palha, e vem-te deitar, Sou a escrava do senhor, faça-se em mim a sua vontade, e feita está, homem, eis-me grávida, pejada, prenhe, vou ter um filho, vais ser pai, não tive sinais, Não faz mal, onde não comem sete, não comem oito* (p. 34).

E, por isso, não vendo as desejadas diferenças entre um tempo monárquico e um tempo republicano, “porque os salários, pelo pouco que podem comprar, só serviam para acordar a fome, houve aí trabalhadores que se juntaram, inocentes, e foram ao administrador do concelho pedir melhores condições de vida”. A resposta, porém, veio sob a forma da guarda nacional republicana que, chefiada pelo tenente Contente, voa sobre os campos, “a trote”, “a galope”, com o sol a bater “nas armaduras” e as gualdrapas a fraldejar, avançando “lírica e guerreira, de sabre desembainhado” sobre “os camponeses”, que ficam “estendidos naquele chão, gemendo suas dores, e recolhidos aos casebres não folgaram, antes cuidaram das feridas o melhor que puderam, com grande gasto de água, sal e teias de aranha. Mais valia morrer, disse um. Só quando a hora chegar, disse outro” (p. 34).

Ocasões de idêntico teor servem ainda à instância narrativa para, em tom irónico e não isento de mágoa, tecer uma dura crítica à entidade divina:

*Mãe, tenho fome, a prova de que Deus não existe é não ter feito os homens carneiros, para comerem as ervas dos valados, ou porcos, para a bolota.*

*E se mesmo assim bolotas e ervas comem, não o podem fazer em sossego, porque lá estão o guarda e a guarda, de olho fito e espingardada fácil, e se o guarda, em nome da propriedade de Norberto, se não ensaia nada para mandar tiro a uma perna ou tiro que mate mesmo, a guarda, que o mesmo também faz quando lhe dão ordem ou sem esperar por ela, tem os mais benignos recursos de prisão, multa e sova entre quatro paredes. Mas isto, senhores, é uma cesta de cerejas, tira-se uma, vêm três ou quatro agarradas, e não falta por aí latifúndio que tenha o seu cárcere privado e o seu código penal próprio. Nesta terra faz-se justiça todos os dias, onde é que iríamos parar se a autoridade faltasse (p. 79-80).*

Num tempo que é já o depois da Revolução de Abril de 74<sup>8</sup>, e fazendo prova de que, tal como no passado (em que não se viam diferenças entre “o latifúndio monárquico e o latifúndio republicano”, p. 34), também agora a fatalidade da pobreza continua a perseguir o Povo e azeda a esperança na mudança propugnada pelos ventos da Revolução, que parece anoitecer “tão pouco tempo (...) depois de Abril e de Maio” (p. 357). Longe de Lisboa, o povo alentejano parece ter sido abandonado pelos ideais democráticos e pelos responsáveis pela sua consecução. Assim, numa tentativa de recuperar os direitos não atribuídos, a população subleva-se, fazendo a sua própria rebelião, ocupando, nesse dia “levantado e principal” (p. 366), os montes e herdades dos Norbertos e Gilbertos ausentes (p. 364).

---

8 Sobre representações da Revolução de Abril na Literatura Portuguesa, ver Ana Paula Arnaut, “Representaciones del 25 de abril en la literatura portuguesa”, in *Cuadernos Hispanoamericanos*. Madrid, nº 660, Junio, 2005, p. 23-36.



De acordo com o exposto, não podem restar quaisquer dúvidas sobre o empenhamento ideológico de José Saramago. No entanto, para o caso de elas subsistirem em alguns espíritos, lembre-se, não podíamos deixar de o fazer, tratando-se de um tema como este, o romance *Ensaio sobre a cegueira*. Obra inaugural do ciclo universalizante da obra saramaguiana, em que da “fase da estátua” o autor passa à “fase da pedra”<sup>9</sup>, ou em que o escritor deixa de se interessar pela contemplação do exterior da estátua para passar a tentar compreender “o interior dela”, *Ensaio sobre a cegueira* procura responder a uma das mais complexas questões da humanidade: “que diabo de gente somos nós?”<sup>10</sup>. Para isso, cria um universo indefinido, sem fronteiras temporais ou espaciais, em que, com exceção de uma (não por acaso, como veremos, uma mulher), todas as personagens (nunca nomeadas por um nome próprio) vão ficando cegas. Não se trata, porém, de pôr em cena a cegueira física mas, pelo contrário, a cegueira de espírito de um mundo, de uma sociedade, em que o Homem se converte “definitivamente em lobo do homem”<sup>11</sup>.

A cegueira será, portanto, branca, para que assim se distinga da outra, negra, a física, e durará o tempo necessário à construção de uma história apocalíptica que intenta levar-nos a refletir sobre a razão de sermos assim, ou, numa linha de análise concomitante, que tenta alertar-nos para os perigos de sermos como somos e, por conseguinte, numa espécie de aviso à navegação da humanidade, para o facto de a ficção alegórica poder rapidamente transformar-se em realidade efetiva.

---

9 José Saramago, *A estátua e a pedra*. Lisboa: Fundação José Saramago, 2013, p. 15.

10 José Saramago em entrevista a Sara Belo Luís, “«O centro comercial é a nova universidade»”, in *Visão*, 26 de Outubro, 2000, p. 21.

11 José Saramago, *A estátua e a pedra*. Ed. cit., p. 34.

Entre muitos exemplos possíveis de cenas profundamente violentas, psicológica e fisicamente, convocamos algumas das que, direta ou indiretamente, se relacionam com o tema em análise. Antes, porém, é conveniente recordar que, à medida que vão cegando, os habitantes da cidade são encerrados num manicómio desativado, onde se distribuem por várias camaratas, destacando-se, para o que importa, a primeira (a da mulher do médico e outros) e a terceira (a dos malvados). Isolados do resto de um mundo em que, como já sabemos, todos acabarão por cegar, a ordem social, antes (mais ou menos) civicamente praticada, torna-se, progressivamente, de sassossego e desorganização absoluta. Se, inicialmente, a comida deixada pelos guardas que vigiavam o manicómio era recolhida e democraticamente dividida (p. 71, 89-91), não sem alguns protestos e desinteligências resultantes da fome sentida e do atraso na entrega<sup>12</sup>, posteriormente a situação agravar-se-á com a decisão dos cegos da camarata dos malvados em governar a comida. O excerto é longo mas necessário:

*O da pistola continuou, Está dito e não há volta atrás, a partir de hoje seremos nós a governar a comida, ficam todos avisados, e que ninguém tenha a ideia de ir lá fora buscá-la, vamos pôr guardas nesta entrada, sofrerão as consequências de qualquer tentativa de ir contra as ordens, a comida passa a ser vendida, quem quiser comer, paga, Pagamos como, perguntou a mulher do médico, Eu disse que não queria que*

---

12 “E se é inegável que a recolha de tão grandes quantidades de comida e a sua distribuição por tantas bocas, devido à falta de uma organização adequada aos fins e de uma autoridade capaz de impor a necessária disciplina, deu origem a novas desinteligências, devemos reconhecer que o ambiente mudou muito, para melhor, quando em todo o antigo manicómio não se ouviu mais que o ruído de duzentas e sessenta bocas mastigando” (p. 118).

*ninguém falasse, berrou o da pistola, agitando a arma à sua frente, Alguém terá de falar, precisamos saber como deveremos proceder, aonde vamos buscar a comida, se vamos todos juntos ou um de cada vez, Esta está-se a armar em esparta, comentou um dos do grupo, se lhe deres um tiro é uma boca a menos a comer, Visse-a eu, e já tinha uma bala na barriga. Depois, dirigindo-se a todos, Voltem imediata mente para as camaratas, já, já, quando tivermos levado a comida para dentro diremos o que têm de fazer, E o pagamento, tornou a mulher do médico, quanto nos vai custar um café com leite e uma bolacha, A gaja está mesmo a pedir poucas, disse a mesma voz, Deixa-a comigo, disse o outro, e mudando de tom, Cada camarata nomeará dois responsáveis, esses ficam encarregados de recolher os valores, todos os valores, seja qual for a sua natureza, dinheiro, jóias, anéis, pulseiras, brincos, relógios, o que lá tiverem, e levam tudo para a terceira camarata do lado esquerdo, que é onde nós estamos, e se querem um conselho de amigo, que não lhes passe pela cabeça tentarem enganar-nos, já sabemos que alguns de vocês vão esconder uma parte do que tiverem de valioso, mas digo-lhes que será uma péssima ideia, se não nos parecer suficiente o que entregarem, simplesmente não comem, entretenham-se a mastigar as notas de banco e a trincar os brilhantes. Um cego da segunda camarata lado direito perguntou, E como fazemos, entregamos tudo de uma vez, ou vamos pagando conforme o que formos comendo, Pelos vistos não me expliquei bem, disse o da pistola rindo-se, primeiro pagam, depois e que comem, e, quanto ao resto, pagar segundo*

*o que comessem, isso iria exigir uma contabilidade muito complicada, o melhor é levarem tudo de uma vez e nós veremos que quantidade de comida merecem, mas ficam mais uma vez avisados, livrem-se de esconder qualquer coisa porque lhes sairá muito caro, e para não dizerem que não procedemos com lealdade, tomem nota de que depois de entregarem o que têm faremos uma inspeção, ai de vocês se encontrarmos nem que seja uma moeda, e agora toda a gente fora daqui, rápido. Levantou o braço e disparou outro tiro (p. 140-141).*

Esgotados os bens materiais, a moeda de troca para a comida passa a ser o corpo feminino<sup>13</sup>. E assistimos, então, à violência verbal que preside à discussão sobre a aceitação ou não das exigências dos cegos malvados<sup>14</sup>. Mas, violência sobre todas as outras, assistimos também às cenas de violação das mulheres que, para não morrerem à fome (elas e os cegos das restantes camaratas), se dirigem à camarata dos cegos malvados:

---

13 “Passada uma semana, os cegos malvados mandaram recado de que queriam mulheres. Assim, simplesmente, Tragam-nos mulheres. (...) Se não nos trouxerem mulheres, não comem” (p. 165).

14 “Humilhados, os emissários regressaram às camaratas com a ordem, Ou vão lá, ou não nos dão de comer. As mulheres sozinhas, as que não tinham parceiro, ou não o tinham fixo, protestaram imediatamente, não estavam dispostas a pagar a comida dos homens das outras com o que tinham entre pernas (...). (...) os protestos explodiram mal ele acabou de falar, saltaram as fúrias de todos os lados, sem dó nem piedade os homens foram moralmente arrasados, apelidados de chulos, de proxenetas, de chupistas, de vampiros, de exploradores, de alcoviteiros, conforme a cultura, o meio social e o estilo pessoal das justamente indignadas mulheres. (...) Ora, aquilo que nenhum homem pensou, pareceu que o pensaram as mulheres, não devia ter outra explicação o silêncio que pouco a pouco se foi instalando na camarata onde se deram estes confrontos, como se tivessem compreendido que, para elas, a vitória na peleja verbal não se distinguia da derrota que inevitavelmente viria depois, porventura nas restantes camaratas não terá sido diferente o debate, porquanto é sabido que as razões humanas se repetem muito e as sem-razões também” (p. 165-167).

(...) todas elas, já estavam a gritar, ouviam-se golpes, bofetadas, ordens, Calem-se, suas putas, estas gajas são todas iguais, sempre têm de pôr-se aos berros, Dá-lhe com força, que se calará, Deixem-nas chegar à minha vez e já vão ver como pedem mais, Despacha-te daí, não aguento um minuto. A cega das insónias uivava de desespero debaixo de um cego gordo, as outras quatro estavam rodeadas de homens com as calças arriadas que se empurravam uns aos outros como hienas em redor de uma carcaça. A mulher do médico encontrava-se junto ao catre para onde tinha sido levada, estava de pé, com as mãos convulsas apertando os ferros da cama, viu como o cego da pistola puxou e rasgou a saia da rapariga dos óculos escuros, como desceu as calças e, guiando-se com os dedos, apontou o sexo ao sexo da rapariga, como empurrou e forçou, ouviu os roncos, as obscenidades, a rapariga dos óculos escuros não dizia nada, só abriu a boca para vomitar, com a cabeça de lado, os olhos na direcção da outra mulher, ele nem deu pelo que estava a acontecer, o cheiro do vómito só se nota quando o ar e o resto não cheiram ao mesmo, enfim o homem sacudiu-se todo, deu três sacões violentos como se cravasse três espeques, resfolegou como um cerdo engasgado, acabara. A rapariga dos óculos escuros chorava em silêncio. O cego da pistola retirou o sexo que ainda vinha a pingar e disse com voz vacilante, enquanto estendia o braço para a mulher do médico, Não tenhas ciúmes, já vou tratar de ti, e depois subindo o tom, Eh, rapazes, podem vir buscar esta, mas tratem-na com carinho, que ainda posso precisar dela. Meia dúzia de cegos avançaram de re-

*bolão pela coxia, deitaram mãos à rapariga dos óculos escuros, levaram-na quase de rastos, Primeiro eu, primeiro eu, diziam todos. O cego da pistola tinha-se sentado na cama, o sexo flácido estava pousado na beira do colchão, as calças enroladas aos pés. Ajoelha-te aqui, entre as minhas pernas, disse. A mulher do médico ajoelhou-se. Chupa, disse ele, Não, disse ela, Ou chupas, ou bato-te, e não levas comida, disse ele (p. 176-177, ver 184-188).*

Cegos da razão todos, ou quase todos, portanto. Uma cegueira, branca, como se sabe, que, após da saída do manicómio, continua a ser traduzida em cenas de renovado dramatismo e agonia. Referimo-nos, em primeiro lugar, ao momento em que, num supermercado, a mulher do médico procura os alimentos que depois partilhará com os companheiros:

*Já se tinha afastado muito de onde havia deixado o marido e os companheiros, cruzando e recruzando ruas, avenidas, praças, quando se encontrou diante de um supermercado. Lá dentro o aspecto não era diferente, prateleiras vazias, escaparates derrubados, pelo meio vagueavam os cegos, a maior parte deles de gatas, varrendo com as mãos o chão imundo, esperando encontrar ainda algo que se pudesse aproveitar, uma lata de conserva que tivesse resistido às pancadas com que tentaram abri-la, um pacote qualquer, do que fosse, uma batata, mesmo pisada, um naco de pão, mesmo feito pedra (p. 219).*

*A escada está ali, o caminho é a direito. Antes, porém, a mulher do médico senta-se no chão,*

*abre uma embalagem de chouriço, uma outra de fatias de pão negro, uma garrafa de água, e, sem remorso, come (p. 223-224).*

*Nem tudo cheirava ao que continha, mas o perfume de uma bucha de pão duro já seria, falando elevadamente, a própria essência da vida. Estão todos enfim despertos, têm as mãos trêmulas, as caras ansiosas, é então que o médico, tal como sucedera antes ao cão das lágrimas, se lembra de quem é, Cuidado, não convém comer muito, pode fazer-nos mal, O que nos faz mal é a fome, disse o primeiro cego (p. 227-228).*

Em segundo lugar, porque se ilustra a forma como o ser humano se reduz à extrema miséria da sua condição, não podemos esquecer o episódio em que a rapariga dos óculos escuros regressa a casa e, com a mulher do médico, conversa com a vizinha do primeiro andar:

*Os quintais têm couves, têm coelhos, têm galinhas, também há flores, mas essas não se podem comer, E como faz, É conforme, umas vezes apanho umas couves, outras vezes mato um coelho ou uma galinha, Crus, Ao princípio acendia uma fogueira, depois habituei-me à carne crua, e os talos das couves são doces, ficam descansadas que de fome não morrerá a filha da minha mãe (p. 236).*

*Na cozinha, mal iluminada pela escassa luz de fora, havia peles de coelho pelo chão, penas de galinha, ossos, e, sobre a mesa, num prato sujo de sangue ressequido, pedaços de carne irreconhecíveis, como se tivessem sido mastigados*

*muitas vezes, E os coelhos, e as galinhas, o que é que comem, perguntou a mulher do médico, Couves, ervas, restos, disse a velha, Restos, de quê, De tudo, até de carne, Não nos diga que as galinhas e os coelhos comem carne, Os coelhos ainda não, mas as galinhas ficam doidas de satisfação, os animais são como as pessoas, acabam por habituar-se a tudo* (p. 237).

Posteriormente, encaminhar-se-ão para casa do médico e da sua mulher, onde, gradualmente, acabarão por recuperar a visão, não sem antes se reunirem à mesa para comer a pouca comida que restava (p. 262-263). A cegueira terminará, como dissemos, durou, ou parece ter durado, como sucede em *Manual de pintura e caligrafia*, “o tempo que era necessário para se acabar um h[H]omem e começar outro” (p. 312), esperando que o aviso à navegação tenha sido assimilado; esperando que cada um de nós tenha iniciado a capacidade para se interrogar por que “somos assim”<sup>15</sup>. Lembremo-nos, também, quando estivermos à mesa, à nossa ou em outra, que a solidariedade é possível e absolutamente necessária para construirmos um mundo mais justo e mais fraterno.

---

15 José Saramago, *A estátua e a pedra*. Ed. cit., p. 34.



## BIBLIOGRAFIA

ARNAUT, Ana Paula, “Representaciones del 25 de abril en la literatura portuguesa”, in *Cuadernos Hispanoamericanos*. Madrid, nº 660, Junio, 2005, p. 23-36,.

ARNAUT, Ana Paula, “O fatalismo da pobreza(?): o miúdo pormenor interessa à história (*Levantado do chão* de José Saramago)”, in *Revista de estudos saramaguianos*. Lisboa: Fundação José Saramago-Ed. Patuá, 2014, p. 11-33,

BARTHES, Roland, “O efeito de real”, in *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1987, p. 231-136.

CASTRO, Josué, *O livro negro da fome*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1960.

LUÍS, Sara Belo, “«O centro comercial é a nova universidade»”. Entrevista com José Saramago, in *Visão*, 26 de Outubro, 2000, p. 19-22.

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M., *Dicionário de narratologia*. 5ª ed. Coimbra: Almedina, 1996 [1987].

SARAMAGO, José, *Manual de pintura e caligrafia*. 3ª ed. Lisboa: Caminho, 1985 [1977].

SARAMAGO, José, *Levantado do chão*. Lisboa: Caminho, 1982 [1980].

SARAMAGO, José, *Memorial do convento*. Lisboa: Caminho, 1982.

SARAMAGO, José, *O Ano da morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Caminho, 1984.

SARAMAGO, José, *História do cerco de Lisboa*. Lisboa: Caminho, 1989.

SARAMAGO, José, *Ensaio sobre a cegueira*, Lisboa: Caminho, 1995.

SARAMAGO, José, *Caim*, Lisboa: Caminho, 2009.

SARAMAGO, José, *A estátua e a pedra*. Lisboa: Fundação José Saramago, 2013.

Partindo de vários romances de José Saramago, propomo-nos verificar o modo como a inscrição da temática da comida na tessitura narrativa permite aumentar o seu grau de credibilidade, criando o efeito de real de que fala Roland Barthes, e, em concomitância, pretendemos avaliar a forma como se põem em cena intenções ideológicas precisas, relativas à denúncia das diferenças sociais e à tentativa de alertar o leitor para a necessidade de colaborar na construção de um mundo mais justo e fraterno.